

Título	Encontros e Metamorfoses: <i>A Garça</i> . Sobre Maria João Cantinho, <i>A Garça</i> , Ed. Diferença, Leiria, 2001
Autor	Rui Magalhães
Keywords	Maria João Cantinho Literatura Portuguesa Contemporânea
Origem	Publicado originalmente em <i>Ciberkiosk</i>
Referência	http://sweet.ua.pt/~f660/docs\MJC_Garca.pdf

«Era uma vez um homem. Um homem tão triste que tinha uns olhos fundos e negros, onde se havia cravado uma melancolia sem remédio. Esse homem era um solitário que trazia o peso das coisas dentro de si e uma dor que não conhecia qualquer paradeiro». Assim se inicia a *Garça* de Maria João Cantinho que é, a todos os títulos, um livro notável. Um livro que exprime, acima de tudo, um infinito amor à escrita enquanto esta não é um instrumento lúdico ou um jogo de virtuosismo, nem sequer a expressão de um certo cinismo que tende hoje a tornar-se uma das formas dominantes da escrita poética, mas o precioso instrumento de uma incisão na matéria do mundo. Neste sentido, a escrita de Maria João Cantinho é profundamente inactual no sentido que Nietzsche conferia a este termo, o que significa, inevitavelmente, um profundo desprezo por aquelas outras formas. A escrita é aqui o meio privilegiado para abrir e fechar, simultaneamente, a alegoria, para fazer viver tudo o que não cabe na vida, tudo o que torna "estranhos" aqueles que, como os poetas vivem a mais funda das solidões porque «o poeta ou o homem solitário (...) que é dizer a mesma coisa» (p. 15), é aquele que não se submete ao preço da comunidade e que se interroga muito para além do limite de todas as interrogações.

Os contos de *A Garça* colocam-nos um incontornável problema de leitura. Não um problema propriamente teórico, mas tão concreto que da sua resolução depende a possibilidade de compreensão do alcance destes textos, a compreensão do seu lugar, do seu destino e do nosso enquanto seres vivos postos em questão pelo acto de leitura.

As histórias de Maria João Cantinho apresentam-se livremente como fábulas, construções eminentemente metafóricas; é perfeitamente possível e legítima uma leitura efectuada nesse registo. Mas, ao mesmo tempo, existe alguma coisa dificilmente determinável que nos faz suspeitar de que há algo mais, de que se ficarmos pela fábula estamos a perder o essencial ainda que não tenhamos muita certeza acerca do que é esse essencial nem de qual o caminho para o achar. Esta incerteza e esta indecisão são dois elementos determinantes na construção do texto pelo texto (mais ainda, provavelmente, do que do texto pelo seu autor). Não tenhamos dúvidas: nenhuma leitura permitirá ultrapassar esta incerteza. Por mais que estes textos se ofereçam à interpretação, por mais que a solicitem, nunca uma interpretação os

abrirá de modo a vencer a sua indecidibilidade constitutiva. E isto porque eles estão abertos, mesmo muito para além da abertura visível.

Em que reside essa abertura? Não apenas no facto de nos colocar perante a indecidibilidade e de eles próprios hesitarem sistematicamente. É no sentido dessa hesitação – que, podíamos dizer, emerge dos personagens no próprio tecido discursivo – que reside o carácter implacável e selvagem (contra todas as aparências) da escrita da autora, no afastamento da imediatidade, mesmo quando ela é quase obsessiva ou quando se apresenta como a sua própria negação. Ou ainda quando nos tenta à psicologia. Tudo isso é uma realidade extremamente frágil, embora efectiva. Essa tentação é, ainda, a do texto; como se, muitas vezes, precisasse de repousar, de encontrar um chão relativamente consistente, algo a que agarrar-se. Isto nem sempre é imediatamente visível, mas está também lá. Como o lugar (inacessível) de uma das dimensões de génese, a gerarem um autor real e personagens igualmente reais. Há, assim, um certo número de indicações textuais que não podem ser seguidas, mas que devem, simultaneamente, ser tidas em consideração.

A Garça não é – como uma leitura superficial poderia sugerir – uma escrita feita de boas intenções filosófico-existenciais. Essas boas intenções, se às vezes parecem estar presentes, não são mais do que o traço fino que delimita um espaço mágico onde as ilusões e os medos, as incertezas e os momentos de plenitude se vão revelar e onde um mundo aparentemente sem Deus vai encontrar um modo de se olhar, de assumir tudo aquilo que é, naturalmente, imperceptível. Tratar-se-á, portanto, mais rigorosamente falando, de más intenções.

Os contos de Maria João Cantinho, desenvolvem-se no registo de uma certa melancolia que nos faz pensar em Wenders/Hendke, em Hesse ou em Celan, em Kafka, por vezes, em Nietzsche (veja-se «O animal que sonhou ser Deus») e, sempre, em Benjamin (autor sobre cujo pensamento Maria João Cantinho escreveu um notável livro) e a sua teoria da linguagem. No entanto, trata-se de uma melancolia que contém, simultaneamente, uma infinita luminosidade, embora sempre deslocada do tempo presente e daquilo que se assume como real para um passado ou um futuro que contém, de alguma forma, a razão última de ser do próprio presente. É assim que no conto «A canção da Montanha», tudo acontece na rememoração da existência infantil com o avô, a sua obsessão de «subir ao Pico da Esperança, o topo da montanha, o lugar mais elevado da serra e a que só se tinha acesso através de uma íngreme escarpa» (p. 37) e no abandono dessa obsessão através de «um medo terrível, o de descobrir que esse lugar mítico, afinal, não tinha nada e que o alimento da minha infância se pudesse volatilizar com tamanha insensatez» (p. 45). Entre o passado e o futuro desenha-se o tempo (e só esse pode ser verdadeiramente chamado "tempo") da ultrapassagem da obsessão por um processo que nem é de derrota nem de vitória, mas de algo que está para lá de ambas e que, representando o estado adulto, contém em si a origem da melancolia. Sublinhe-se, entretanto,

que passado e futuro são imagens e não tempos. O verdadeiro tempo da interrogação é o que vive ao lado do mesmo, paralelo a ele e, todavia, apenas perceptível através de sinais, extremamente discretos, a que só um espírito particularmente atento ou torturado, tem acesso.

A grande questão que este magnífico livro coloca é, portanto, a de como, em que circunstâncias e porquê se pode ir além da visão imediata, em direcção ao inesperado revelador, até um outro mundo feito de garças falantes, de poetas, de cães, de leões, de águias e de serpentes, de loucos.

Há sempre uma dimensão de angústia a marcar os personagens que se vêem apanhados por esse processo. Este impulso manifesta-se, essencialmente, de dois modos diferentes: pelo encontro com seres estranhos portadores não tanto de uma mensagem como de um elemento de alerta ou pela metamorfose.

Não há, assim, verdadeira diferença entre a oposição e o paralelismo entre o mundo real, o mundo de todos os dias, e a suspeita de que para além dele existe uma possibilidade de existência, um mundo que sendo mágico, é absolutamente real. O espaço próprio destas histórias é o da distância que separa estes dois mundos. Mas talvez mais essencialmente, é a inevitável coexistência dos dois num mesmo indivíduo, o que é o resultado do seu ser real e concreto, da sua existência mundana.

Há, ainda, n' *A Garça*, uma espécie de registo de intimidade que confere aos personagens, para além de tudo quanto de extraordinário lhes acontece, uma imensa naturalidade, de modo que os sentimos extremamente próximos. Esta simultaneidade do acentuado carácter fictivo – pelo maravilhoso – e da sua negação – por um certo naturalismo fabular –, é uma das dimensões que mais fortemente geram o encanto mágico destes fragmentos de um universo quase paralelo.

Esse outro mundo está, simultaneamente, absolutamente próximo e infinitamente afastado. Esse o drama. No entanto, os personagens não podem aceder a ele, não em razão dessa distância, não porque o espaço entre os mundos seja intransponível, mas porque seria preciso deixar de ser o que se é. Por isso se trata sempre ou quase, de personagens melancólicas. Não há distância a ser transposta, apenas sonho, fantasia, esquecimento e, claro, a eterna hipótese da metamorfose. Por isso, tudo acontece a personagens que são seres especiais: poetas, crianças ou seres de alguma forma desprotegidos, isto é, permeáveis ao desafio da procura.

Neste não espaço entre a realidade real e a realidade evocada, é todo o mistério da existência que é posto em jogo a partir das coisas mais simples, mais elementares e, ao mesmo tempo, profundamente problemáticas como, por exemplo, a diferença entre falar e nomear; veja-se o primeiro conto, de profundas ressonâncias benjaminianas, onde tudo gira à volta do sentido das palavras.

O essencial é esta espécie de espaço de mediação entre o que não é mediável. Nesta aparente contradição se concentra a essência deste livro. Trata-se, naturalmente, de uma busca de sentido, para o bem e para o real e para o imaginário. O imaginário, de resto, pode ser aterrador, como naquele conto em que a criança cai na folha de um livro, coberta de palavras e tem de achar, num mundo absolutamente desprovido de lógica e de leis, a palavra que fornece a chave para a única das noventa e nove portas que dá acesso ao mundo exterior.

A palavra é a grande questão deste livro. A palavra que encerra e a palavra que abre. E aí, um outro espaço (outro não espaço) igualmente sem articulação, paralelo mas não identificável ao anterior. A palavra é a chave, mas os personagens acham-se longe dela, longe da capacidade de nomeação, perdidos num mundo de palavras que se limitam a descrever. A palavra única, a que seria salvadora, essa está distante, num mundo de imperceptibilidades.

E, todavia, *A Garça* transporta-nos para um universo maravilhoso que, todavia, não é distinto daquele em que vivemos (dir-se-ia que é quase o seu reverso) e esse é um dos aspectos determinantes nesta obra. Através de todas as metamorfoses e de todos os encontros, é sempre o *mesmo* que atravessa esses espaços múltiplos. Será, digamos, o efeito de uma ínfima deslocação no tempo, suficiente, todavia, para que novas leis dominem os acontecimentos, onde o improvável, ou o impossível se tornam emergentes com a maior naturalidade. O espanto que resulta dessa súbita transformação das leis do universo torna-se o espaço onde ocorre um processo de aprendizagem dos personagens, um processo de descoberta deles mesmos e do mundo em que vão existindo.

A fantasia e a imaginação, são insuficientes para quebrar a maldição desses seres «incompletos e inacabados» (p. 141). A mundivisão de Maria João Cantinho toca aqui, o trágico, mas dir-se-ia, um trágico que se inscreve num tecido eminentemente dramático: o outro lado é, ao mesmo tempo, uma visão dos limites deste; lá os limites tornam-se menos visíveis, menos perceptíveis, precisamente porque a palavra está mais próxima da sua origem (cf. p. 67).

Mas para tudo há um limite. O limite de Hölderlin, o ponto para além do qual acontece a perdição total: Hölderlin que «ultrapassou a fronteira» e por isso enlouqueceu; e no entanto, é nessa perdição total que traz à criança a palavra libertadora.

Os contos de Maria João Cantinho podem ser lidos como contos infantis ou como fábulas metafísicas (não será isso a mesma coisa?); o mais certo, porém, seria tentar encontrar um ponto, algures, entre esses dois modos, um espaço de indecível localização do qual partem vias de natureza mágica e destino imperceptível. O último conto, intitulado «Linhas de sombra ou requiem para uma pequena garça» condensa boa parte do que de mais essencial este livro nos traz; leiamos o seu início: «O destino trágico da garça tinha sido algo que, desde sempre, se anunciara. Eu encontrei-a na margem do rio, enlameada até aos seus olhos esvaziados. Morrera há algumas horas, provavelmente durante o frio da noite» (p. 163). E

leiamos agora o modo como se encerra: «No meu sonho ela continuou tão alva e pura como sempre a tinha visto, encantadora bailarina e amiga de poetas e melancólicos artistas» (p. 172). Como tudo, o livro de Maria João Cantinho termina com a morte. A morte da garça; e a garça, sabemos-lo, é a singularidade que sintetiza o interior e o exterior, a vida e a morte, o normal e o extraordinário. E é por isso que este último conto, começando, precisamente com a morte da garça, termina com a sua vida eterna, com o sonho de eternidade. No meio, cabem todas as fábulas tão densamente materiais que a autora reconheceu neste nosso mundo incerto.